

**ESTRUTURA MÉTRICA EM HORÁCIO  
E EM RICARDO REIS**

**OSCARINO DA SILVA IVO**

Trabalho apresentado na Semana de Estudos Portugueses, em setembro de 1980, promovido pelo Centro de Estudos Portugueses da FALFE.

Convidado pela Senhora Professora Diretora do Centro de Estudos Portugueses para falar sobre Ricardo Reis e Horácio, não tive como fugir ao convite em si mesmo tão honroso.

Não vou abordar nesta exposição problemas como o da temática de Ricardo Reis, ou o das razões da criação por Fernando Pessoa de uma outra individualidade para expressar uma das faces da sua formação cultural, ou o da escolha de uma filosofia de vida que, em última análise, poderia ter validade como outra qualquer.

Diante do fato real de que existe um Fernando Pessoa encarnado em Ricardo Reis, formado com todos os ingredientes de uma cultura clássica greco-romana, preferi fazer um rápido confronto da estrutura métrica de Ricardo Reis com a de Horácio. O tempo que me foi concedido não permitirá, é certo, uma comparação mais ampla e profunda, todavia espero deixar clara a preocupação de Ricardo Reis em seguir o seu modelo ou, talvez, em, partindo desse modelo, dar uma certa originalidade a uma forma de expressão que, embora antiga, nunca dei-

ará de ser nova. Seria a imitação no sentido clássico de recriação de um tema, dentro do princípio de que a originalidade não está obrigatoriamente na "invenção" mas no tratamento pessoal do tema. Ricardo Reis não teria voltado ao passado. Teria, isto sim, vivificado com a sua "criação" temas do passado.

E Horácio não vivificou também em Roma uma forma já tão conhecida dos gregos?

Na verdade, conquanto já estivesse em moda em Roma, com os "poetae noui", a poesia de caráter alexandrinista, Horácio vai buscar suas fontes além de Alexandria, na velha literatura grega, e a poesia monódica de Safo e de Alceu, pela sua pouca extensão, pelo ritmo das estrofes, pela maior condição de harmonização dos metros, pelos temas e pela inspiração é que vai tornar-se o modelo de Horácio.

Não é que Catulo, por exemplo, representante máximo dos "novos" em Roma, não tivesse usado o verso sáfico; mas nesse poeta o uso da métrica eólia, assim chamada porque praticada principalmente pelos poetas do dialeto eólio, especialmente Alceu e Safo, tem um caráter muito mais incidental. O próprio Horácio considera-se "o primeiro a compor um poema eólio em cadência italiana": "*dicar (...) princeps Aeolium carmen ad Italos / deduxisse modos.*" (I, 30, 13-14).

De fato, o metro das odes de Horácio é todo um sistema eólio, com base, pois, no coreu e no jambo, principalmente na forma do coriambó, metro composto de um pé coreu e de um jâmbico: - - - -, possuindo, portanto, seis tempos na sua estrutura, ou seja, uma seqüência de uma sílaba longa, duas breves e outra longa. Só uma vez nessas composições, Horácio foge

aos metros eólios, empregando o jônico menor, seqüência de duas sílabas breves e de duas longas: - - - -.

É claro que, sendo o coriambo o elemento primordial da métrica eólia, os versos logaédicos formam um sistema que permite ao poeta um jogo de sonoridades que outros esquemas não proporcionariam.

Vejamos alguns versos, mesmo isolados, e teremos uma idéia do processo.

Verso adônico:

iānŭā | limĕn

Verso aristofaneu ou pequeno sáfico:

Lŷdĭā | dĭc | pĕr | ōmnĭs

Verso ferecrácio:

mātrĕm | nŏn | sinĕ | uānŏ

Verso glicônico:

laesā | praenĭtĕāt | fidĕ

Verso asclepiadeu menor:

Albĭ | nĕ | dŏlĕās | plŷs | nĭmĭŏ | mĕmŏr

Verso sáfico:

Pārcĭŷs | iŷnctās | quātĭŷnt | fĕnĕstrās

Verso hendecassílabo alcaico:

Ō | mātrĕ | pŷlchrā | filiā | pŷlchrĭŏr

Isolaremos, agora, os esquemas e mais clara ainda será a visão. Não nos esqueçamos de que o coriambo é o elemento básico, presente na constituição de todos os outros metros.

- u u -   u	adônico
- u u -   u -   -	aristofaneu ou pequeno sáfico
- -   - u u -   u	ferecrácio
- -   - u u -   u u	glicônico
- -   - u u -   - u u -   u u	asclepiadeu menor
- u   - -   - u u -   u -   u	sáfico
u   - u   - -   - u u -   u -	hendecassílabo alcaico

O adônico é o menor verso eólio. Acrescente-se ao seu elemento coriâmbico um dímetro jâmbico catalético (último pé quebrado) e teremos um aristofaneu ou pequeno sáfico. Acrescente-se ao mesmo adônico uma base e surgirá o ferecrácio. Complete-se o último pé do ferecrácio e nascerá o glicônico. Repita-se o elemento coriâmbico do glicônico e o verso será o asclepiadeu menor. Acrescentem-se duas bases ao aristofaneu ou pequeno sáfico e ele tornar-se-á um sáfico de onze sílabas. E que diferença há entre o sáfico e o hendecassílabo senão a transposição da última sílaba do sáfico para o primeiro lugar em forma de anacrusa?

São várias as combinações estróficas dos versos eólios. Nas odes de Horácio encontramos as seguintes:

a *estrofe sáfica*, formada de três sáficos de onze sílabas e de um verso adônico;

a *estrofe alcaica*, composta de dois versos alcaicos de onze sílabas, de um verso de nove sílabas e de um de dez sílabas;

a *estrofe asclepiadéia A*, em que os três primeiros versos são asclepiadeus menores de doze sílabas e o quarto um glicônico;

a *estrofe asclepiadéia B*, que só se distingue da primeira porque o terceiro verso é um ferecrácio;

seis *dísticos* diferentes:

1. um glicônico seguido de um asclepiadeu menor;

2. um aristofaneu ou pequeno sáfico (sete sílabas) seguido de um sáfico maior (quinze sílabas);

3. um hexâmetro seguido de um quaternário dactílico;

4. um hexâmetro seguido de um ternário dactílico catalético;

5. um arquilopeu (quatro dáctilos mais quatro troqueus) seguido de um senário jâmbico catalético;

6. um quaternário trocaico catalético seguido de um senário jâmbico.

Além dessas estrofes, Horácio usa versos isolados: o asclepiadeu menor e o asclepiadeu maior.

Transpor simplesmente para o português tais estruturas não seria possível porque o verso português tem uma cadência silábica com base no acento de intensidade, quando a poesia latina estrutura o seu verso numa cadência de longas e breves em que o artificialismo é, muitas vezes, predominante, como é o caso de sílaba

alongada por posição em fim de palavra. Tal processo cria vocábulos fonéticos que na maioria dos casos nada têm a ver com a estrutura sintática.

Mas se não é possível uma cópia, é possível uma adaptação.

Uma simples comparação visual das odes de Ricardo Reis com as de Horácio já é suficiente para mostrar a clara intenção do poeta português de seguir os processos estéticos adotados pelo escritor latino. Poder-se-ia argumentar que na literatura ocidental já há uma tradição clássica nascida da cultura greco-romana e que Fernando Pessoa não teria necessidade de retomar diretamente aqueles modelos. Mas há uma tal similitude formal no corpo de toda a produção de Ricardo Reis e uma tal afinidade nos temas e outros elementos das suas odes com as de Horácio que se torna um imperativo a comparação. Voltamos a afirmar que tal semelhança em nada prejudica ou ofusca o vigor da obra de Fernando Pessoa.

Transcrevamos, simplesmente, algumas estrofes.

### *Estrofe Sáfica*

Horácio, I, 25, 1-8:

Parcius iunctas quatiunt fenestras  
 iactibus crebris iuvenes proterui  
 nec tibi somnos adimunt amatque  
     ianua limen,  
 quae prius multum facilis mouebat  
 cardines. Audis minus et minus iam:  
 "me tuo longas pereunte noctes,  
     Lydia, dormis?"

.....

Em Ricardo Reis, Edição Nova Aguilar  
S.A., pág. 114

Sofro, Lídia, do medo do destino.  
A leve pedra que um momento ergue  
As lisas rodas do meu carro, aterra  
Meu coração.

Tudo quanto me ameaça de mudar-me  
Para melhor que seja, odeio e fujo.  
Deixem-me os deuses minha vida sempre  
Sem renovar

.....

*Estrofe Asclepiadéia A*

Em Horácio, I, 33, 1-4:

Albi, ne doleas plus nimio memor  
immitis Glycerae neu miserabilis  
decantes elegos, cur tibi iunior  
laesa praeniteat fide.

Em Ricardo Reis, pág. 127:

Solene passa sobre a fértil terra  
A branca, inútil nuvem fugidia,  
Que um negro instante de entre os campos ergue  
Um sopro arrefecido.

*Estrofe Asclepiadéia B*

Em Horácio I, 23, 1-4:

Vitas inuleo me similis, Chloe,  
quaerenti pauidam montibus auis  
matrem non sine uano  
aurarum et siluae metu.

Em Ricardo Reis, pág. 126:

Quanta tristeza e amargura afoga  
Em confusão a 'streta vida! Quanto  
Infortúnio mesquinho  
Nos oprime supremo!

Analisado cada verso, podemos descobrir, pouco a pouco, novas semelhanças.

Submetamos a estrofe horaciana à divisão em pés.

Vejamos esta estrofe sáfica:

Pārciūs iūctās quātiūnt fēnēstrās  
iāctībūs crēbrīs iūuēnēs prōtēruī  
nēc tībī sōmnōs ādīmunt āmātquē  
iānūā līmēn.

Os três primeiros versos têm onze sílabas, mas a última tônica está na décima sílaba, que no sáfico é sempre o tempo forte do penúltimo pé. A última sílaba, mesmo sendo longa, está além da tônica da palavra. Além disso, como já foi dito, a cadência métrica desloca a tônica da palavra semântica para o vocábulo fonético, surgindo acentuações como: *parciūs iunctās; quatiūnt; adimunt*. E, com isso, todo o verso adquire uma cadência ascendente com as tônicas na 1ª, 3ª, 5ª, 8ª e 10ª sílabas:

$\frac{/}{\text{P}}\frac{/}{\text{a}}\frac{\_}{\text{r}}\frac{\_}{\text{c}}\frac{\_}{\text{i}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{s}}$   $\frac{/}{\text{i}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{c}}\frac{\_}{\text{t}}\frac{\_}{\text{a}}\frac{\_}{\text{s}}$   $\frac{/}{\text{q}}\frac{/}{\text{u}}\frac{\_}{\text{a}}\frac{\_}{\text{t}}\frac{\_}{\text{i}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{n}}\frac{\_}{\text{t}}$   $\frac{/}{\text{f}}\frac{\_}{\text{e}}\frac{\_}{\text{n}}\frac{\_}{\text{e}}\frac{\_}{\text{s}}\frac{\_}{\text{t}}\frac{\_}{\text{r}}\frac{\_}{\text{a}}\frac{\_}{\text{s}}$   
 $\frac{/}{\text{i}}\frac{\_}{\text{a}}\frac{\_}{\text{c}}\frac{\_}{\text{t}}\frac{\_}{\text{i}}\frac{\_}{\text{b}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{s}}$   $\frac{/}{\text{c}}\frac{\_}{\text{r}}\frac{\_}{\text{e}}\frac{\_}{\text{b}}\frac{\_}{\text{r}}\frac{\_}{\text{i}}\frac{\_}{\text{s}}$   $\frac{/}{\text{i}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{e}}\frac{\_}{\text{n}}\frac{\_}{\text{e}}\frac{\_}{\text{s}}$   $\frac{/}{\text{p}}\frac{\_}{\text{r}}\frac{\_}{\text{o}}\frac{\_}{\text{t}}\frac{\_}{\text{e}}\frac{\_}{\text{r}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{i}}$   
 $\frac{/}{\text{n}}\frac{\_}{\text{e}}\frac{\_}{\text{c}}$   $\frac{/}{\text{t}}\frac{\_}{\text{i}}\frac{\_}{\text{b}}\frac{\_}{\text{i}}$   $\frac{/}{\text{s}}\frac{\_}{\text{o}}\frac{\_}{\text{m}}\frac{\_}{\text{n}}\frac{\_}{\text{o}}\frac{\_}{\text{s}}$   $\frac{/}{\text{a}}\frac{\_}{\text{d}}\frac{\_}{\text{i}}\frac{\_}{\text{m}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{n}}\frac{\_}{\text{t}}$   $\frac{/}{\text{a}}\frac{\_}{\text{m}}\frac{\_}{\text{a}}\frac{\_}{\text{t}}\frac{\_}{\text{q}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{e}}$   
 $\frac{/}{\text{i}}\frac{\_}{\text{a}}\frac{\_}{\text{n}}\frac{\_}{\text{u}}\frac{\_}{\text{a}}$   $\frac{/}{\text{l}}\frac{\_}{\text{i}}\frac{\_}{\text{m}}\frac{\_}{\text{e}}\frac{\_}{\text{n}}$ .

Também o verso de Ricardo Reis tem onze sílabas. Apenas não se conta a sílaba que está depois da última tônica, na escansão portuguesa.

Mas se tentarmos dividir o seu decassílabo em pés, numa maioria incontestável aparecerá uma estrutura quase idêntica à do hendecassílabo sáfico. E chamamos a atenção para o fato de que o grupo coriambo é quase o mesmo:

— | — — | — | — | — |  
Sofrô, Lídia, do mēdō do dēstinō.  
| | — | — | — | — | — |  
À lēvê pēdra que um mōmentō erguē  
— | — | — | — | — | — |  
As lisas rōdas dō mēu cārro, atērrã  
— | — | — | — | — | — |  
Meu cōrãção. ~

Se fizermos abstração de que o verso latino é composto de vocábulos fonéticos em que o acento pertence ao grupo e não a cada palavra isolada e lermos o verso de Horácio e o de Ricardo Reis com uma cadência baseada na sílaba intensiva de cada palavra, a semelhança torna-se indiscutível.

Já vimos que a cadência do troqueu e do jambo leva o verso sáfico a ter o tempo forte na 1ª, na 3ª, na 5ª, na 8ª e na 10ª sílabas, mas a tônica da palavra isolada coincide normalmente com a 1ª sílaba, a 4ª, a 6ª e a 10ª.

Ricardo Reis, seguindo o seu modelo, constrói a primeira parte do seu verso decassilábico numa cadência jâmbica ou trocaica que normalmente vai até a 4ª sílaba, iniciando-se aí uma segunda parte de ritmo coriâmico, com acento na 8ª sílaba, que é a tônica ascendente do coriambo do verso sáfico. Às vezes, a 6ª sílaba é que é acentuada e o ritmo coriâmico

avança um pouco, ficando esta cadência mais próxima do verso latino lido com acento intensivo.

Vejamos:

Párcius iūctas quātiunt fenēstras

quae prius mūltum fácilis mouēbat

Sófro, Lídiã, do mêdo do destino.

À leve pēdra que um momēto érgue

Às lisas rōdas do meu cārro, atērra

O recurso da escansão da sílaba ancípite como longa ou como breve, tão comum na poesia latina, não está ausente da poesia de Ricardo Reis. A palavra 'vólucres', por exemplo, além de constituir claro latinismo, foi empregada como paroxítone no verso que se segue, como está, aliás, na edição que citamos, embora outras a registrem como proparoxítone:

Às rōsas amō dōs jãrdĩns dē Adōnis,

Essãs vōlucres ãmō, Lídiã, rosãs

.....

Versos mais longos, Ricardo Reis emprega principalmente com quatorze sílabas, normalmente em combinação com versos menores, segundo o modelo dos dísticos horacianos.

Com relação ao verso adônico, não há o que discutir. Já que no verso português a contagem vai apenas até a última tônica, é dispensável a última sílaba.

Em Horácio:

iānũā līmĕn

.....

Lydiā, dōrmis?

Em Ricardo Reis:

mĕu cōrãção

.....

sĕm rĕnōvār

Mĕstrĕ são plácidās

.....

tōdās às hōras

.....

Como Horácio, Ricardo Reis constrói poemas com o mesmo verso repetido. É o caso do poema cuja amostra se segue, construído em adônicos, em que os raros acentos na 2ª sílaba não devem, ao que parece, ser levados em conta, mas transpostos para a primeira sílaba:

Mĕstrĕ, são plácidās

Tōdās às hōras

Quē nós pĕrdĕmōs,

Sê nõ pĕrdê-lās,  
 Quãl nũmã jãrrã,  
 Nõs põmõs flõrēs.

Nãõ há tristēzã  
 Nēm ãlĕgrĩã  
 Nã nõssã vidã.  
 Assim sãibãmõs,  
 Sãbĩõs ãncãutõs  
 Nãõ ã vĩver,

Mã decõrrê-lã,  
 Tranquĩlõs, plãcidõs,  
 Tendo as criãçãs  
 Por nõssãs mestrãs,  
 E os õlhõs cheiõs  
 De nãtũrẽzã...

O verso asclepiadeu tem obrigatoriamente a décima primeira sílaba breve. Nessas condições, o verso somente poderá terminar em palavra proparoxítone ou em dissílabo com a penúltima sílaba breve. Tal estrutura cria uma exata correspondência com o hendecassílabo sáfico, pois em ambos a décima sílaba é obriga-

toriamente longa e, conseqüentemente, acentuada. É, pois, lógico que, em Ricardo Reis, o verso de dez sílabas corresponda também ao asclepiadeu menor.

Dentro do mesmo raciocínio, o ferecrácio, terceiro verso da estrofe asclepiadéia B, e o glicônico, quarto verso das estrofes A e B, correspondem, em Ricardo Reis, a um mesmo verso de seis sílabas.

De novo traz as aparentes novas  
Flores o verão novo, e novamente

Vérdesce a cõr antigã

Das folhas rēdivivãs.

---

Vossa formosa juventude leda,  
Vossa felicidade pensativa,  
Vosso modo de olhar a quem vos olha,

Vossõ não cõnhēcer-vos

.....

São inúmeras as composições em dístico e prevalece entre estas a estrutura correspondente ao glicônico seguido de um asclepiadeu. É o verso de seis sílabas seguido de um de dez sílabas. Talvez sob a influência dos dísticos horacianos em que o verso maior é o segundo, Ricardo Reis inverte freqüentemente o dístico.

Prazer, mas dēvãgar,

Lídia, que a sorte àqueles não é grata

Qũe l̄he d̄as mãos ãrrancam.

Furtivos retiremos do horto mundo

Os d̄ep̄r̄edãndõs p̄omõs.

.....

Outras composições poderiam ser estudadas e verificadas novas semelhanças, mas o tempo não seria suficiente. Fica, contudo, uma pequena amostra da presença da estética de Horácio na poética de Ricardo Reis.

#### BIBLIOGRAFIA

HORACE. *Odes et épodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Cinquième édition revue et corrigée. Société d'Édition «Les Belles Lettres», Paris, 1954.

NOUGARET, L. *Traité de métrique latine classique*. 3ème édition corrigée. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1963.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio /2: Odes de Ricardo Reis. /3: Para além do outro oceano de O | olho | Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

.....